

DESAFIOS DO ENSINO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE MUNICIPAL DE SALVADOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Alice Lang Santos ¹
Lúcia Helena Alfredi de Matos ²

Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas como artista educadora, licencianda em dança e atualmente, residente bolsista do Núcleo 2 de Dança, vinculado ao programa Residência Pedagógica UFBA - Edital Capes (2022). Conduzido pela docente Lúcia Matos, o Núcleo 2 tem como foco a abordagem da aprendizagem inventiva (Kastrup, 2001) e da diferença na dança (Matos, 2014), visando um ensino de forma inclusiva e antipacitista.

As atividades propostas durante esse período foram planejadas a partir das diretrizes do município, em conjunto com os objetivos da BNCC e dos pressupostos de Dança para a Residência Pedagógica. O planejamento foi construído em parceria com a preceptora e embasado pelo livro didático Mundo de Explorações Arte - 3º ano - 1ª edição 2021.

Como metodologia de registro dos processos realizados na escola, foi adotado um diário de bordo, a partir da indicação da docente-orientadora para a criação dos relatos performativos, o que tornou possível registrar e refletir sobre os desafios encontrados no processo de aprendizado de se tornar professora. Esse diário relata as vivências na Escola Municipal Artur de Sales, localizada no bairro Santa Cruz em Salvador-BA, com supervisão da preceptora Maria Fernanda Azevedo, atuando como condutora e cocondutora de duas turmas do 3º ano do Ensino Fundamental.

Erroneamente tem-se uma ideia generalizada de que apenas o aluno aprende, porém, como o educador Paulo Freire concebe: “Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 1996, p. 23). Aprender a ensinar é uma busca contínua, que exige dedicação teórica e, acima de tudo, prática. É apenas na prática cotidiana do estar presente e disponível para os outros, que se pode aprender algo. Sendo assim, o programa Residência Pedagógica é, sem dúvida, uma grande oportunidade para que alunos das licenciaturas tenham a experiência prática da docência na educação básica.

Quando estamos em um novo ambiente, tudo parece mais difícil, os gestos cotidianos são atravessados por objetos e lógicas outras, e assim foi nos primeiros dias na escola. Surgiu

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Dança Noturno da Universidade Federal da Bahia - UFBA, mariaalice.lang@gmail.com.

² Professor orientador: Pós-doutora em Estudos em Dança/ Doutora em Artes Cênicas, UFBA, luciamatos@ufba.br.

um estranhamento: é preciso tempo de adaptação, reconhecimento, e por fim, aprendizagem daquele novo lugar. Compreender as regras, os horários, as pessoas que ali também trabalham. Nesse sentido, “a aprendizagem começa quando não reconhecemos, mas, ao contrário, estranhamos, problematizamos.” (KASTRUP, 2001, p.18).

É impossível não ser atravessada pelo entorno da escola e as vivências pessoais de cada aluno. Um bairro periférico de Salvador carrega muitos conflitos e grande ausência de políticas públicas. Durante esses onze meses de programa, por duas vezes as aulas foram canceladas por operações policiais no bairro, e mais de duas vezes a água da escola acabou e não foi possível dar continuidade ao dia letivo, sem o básico: água. Uma aluna me surpreendeu em uma das primeiras aulas ao me olhar e simplesmente dizer: “Professora, eu tenho medo da polícia, quando eles aparecem na rua eu corro pra me esconder em casa” enquanto desenhava em seu caderno. As crianças, em muitas das aulas, geralmente respondem e agem com violência. Seria esse um reflexo da aprendizagem por imitação do próprio contexto social vivenciado por muitas dessas crianças? Como promover outras práticas e instituir outras formas de percepção de si, do outro e do mundo nesse ambiente?

Os alunos também precisam de tempo para nos conhecer e entender o que estamos propondo. Como docentes de dança, muitas vezes as crianças, os outros professores e a escola têm uma ideia de que as aulas de dança não são tão importantes, ou “sérias”, como as outras áreas de conhecimento. Nessa perspectiva, no senso comum, muitos compreendem as práticas de dança como um lugar de recreação, de diversão. O primeiro desafio está aí: mostrar a dança, disciplina da área artística, portadora de conhecimento fundamental para a aprendizagem, a partir do caráter imprevisível do processo de aprender e a invenção de problemas (ao invés de solução de problemas) que a arte permite em sua prática. Para Kastrup (2001, p.19):

Deleuze convida à adoção da arte como uma perspectiva, como um ponto de vista a partir do qual a aprendizagem é problematizada... Também não se trata de ter na arte, ou numa certa obra de arte, um alvo, um ponto fixo a ser atingido, e que orientaria o processo de aprender... A arte não é um alvo, mas um atrator caótico, um ponto que é tendencial, sem ser fixo e sem possibilitar falar em regimes estáveis ou em resultados previsíveis.

Uma das turmas que atuo tem cerca de 30 alunos e é considerada, pela escola e por outros professores, uma turma difícil, conhecida por sua indisciplina e agitação. Nossas aulas, geminadas, acontecem às sextas-feiras no último horário e após o almoço. Digamos que não estamos em uma situação confortável, as crianças já estão cansadas e nós, docentes e residentes, também. É importante também considerar o fato de que a escola não tem recreio ou intervalo,

as crianças são reprimidas do livre brincar, de momentos de liberdade sem o direcionamento de um adulto. Segundo Pimentel (2007, p.226):

A brincadeira instiga a criança, cada vez mais, a ser capaz de controlar seu comportamento, experimentar habilidades ainda não consolidadas no seu repertório, criar modos de operar mentalmente e de agir no mundo que desafiam o conhecimento já internalizado, impulsionando o desenvolvimento de funções embrionárias de pensamento.

Problematizando sobre essa questão em conjunto com a preceptora e os demais residentes, decidimos que quando sentimos que as crianças estão com necessidade de brincar, reservamos alguns minutos da aula para que elas possam brincar livremente, aproveitando o espaço da sala. Eles gostam de brincar de dar rasteiras, virar estrelinhas, fazer “ponte” e trombar uns nos outros, além de falar alto e gritar, geralmente trazem um repertório de movimentos fortes, rápidos e diretos. Outro desafio é, de alguma forma, o exercício de compreender que muitas vezes os alunos respondem com violência por viverem em um contexto de violência, e essa ser simplesmente a única forma que eles sabem de lidar com seus sentimentos. Uma colega de Residência, em uma reunião com a docente orientadora disse: “violência também é um afeto”. E isso gera muitos questionamentos: é possível reproduzir o que não se vive? O que não se conhece? Como transformar violência em doçura?

Ao percebermos essa necessidade de expressão emocional, e sempre aliado ao conceito de aprendizagem inventiva, a preceptora nos sugeriu que seria interessante trabalhar algumas emoções em relação à dança. Sendo assim, criamos a “dança das emoções” a partir de algumas emoções básicas e sua relação com os fatores de movimento. Nesse caso, a raiva sugere movimentos rápidos, fortes e pesados; o nojo remete a movimentos lentos e torcidos; o medo lembra movimentos lentos, fortes e pesados; a tristeza é lenta e leve e a alegria se associa a movimentos rápidos e leves.

Durante as aulas, apresentamos a proposta e eles tiveram tempo para experimentar cada uma das emoções em seus corpos, uma de cada vez. Para minha surpresa, foi uma das aulas que eles mais se engajaram e participaram. Outras dinâmicas surgiram ao decorrer das aulas, como se dividirem em grupos para dançar cada emoção e fazer desenhos sobre o tema. A grande maioria se identificou muito com o sentimento de raiva e, por um momento, enquanto dançavam essa emoção, foi possível percebê-los completamente entregues à expressão de sua raiva interior transbordando para o corpo em movimento e criando aquela dança linda e feroz.

Com a alegria eles saltitaram dando risadas pelo espaço, o nojo era incômodo, a tristeza os levou direto para o chão e com o medo, se escondiam pela sala. Foi importante não trazer

julgamentos para aquelas emoções e apenas mostrar que essas emoções existem e fazem parte do nosso dia-a-dia. Ao final da última aula onde trabalhamos esse tema, pedi que fizessem um desenho em conjunto em um enorme pedaço de papel rolo, e juntos deitados no chão, em volta daquele papel, como quem faz um ritual, eles finalizaram a proposta desenhando suas emoções daquele dia. Paraphrasing Manoel de Barros (2015, p.55): “Eu sustento com *danças* o silêncio do meu abandono.”

Refletindo, após um tempo dessas vivências, compreendo a importância de estar atenta aos detalhes do dia-a-dia e do entorno dessas crianças. Nem todos os dias são fáceis, mas aos poucos, é possível aprender e ensinar. Apesar de termos um planejamento a ser seguido, foi importante que ele fosse alterado para atender às necessidades daqueles alunos que queriam se expressar, naquele momento, de outra forma e assim atraí-los para a matéria, no caso a dança, e não para um saber pronto (Kastrup, 2001). O aprendizado foi de todos.

Palavras-chave: Dança; Aprendizagem inventiva; Emoção; Fatores do movimento.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Manoel de. Menino do Mato. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. PSICOLOGIA EM ESTUDO, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/NTNFsBzXts5GHp4Zk8sBbyF/abstract/?lang=pt>

PIMENTEL, A. (2007). Vygotsky: Uma abordagem historico-cultural da educação infantil. In J. O. Formosinho, T. M. Kishimoto & M. A. Pinazza (Eds.), Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro (pp. 219-248). Porto Alegre: Artmed